

Os lugares não certos dos vaqueiros da ilha de Marajó

The not right places of the cowboys of Marajó Island
Los lugares no ciertos de los vaqueros de la isla de Marajó

Euclides Araújo Ribeiro¹

Miguel Aparicio²

Resumo: O artigo propõe uma leitura dos “lugares não certos” dos vaqueiros do Marajó: espaços carregados de significados que funcionam como portais simbólicos entre o visível e o invisível. Ancorado em uma etnografia situada na Fazenda Mineiro, na comunidade de Cima do Teso, o texto dá centralidade à escuta dos vaqueiros, cujas narrativas orais revelam experiências sensíveis e relações indissociáveis entre humanos, não humanos, animais e paisagens. Locais como a Ponta do Maguary, o Furo do Bode, o Xixá do Carro, as Três Ilhas e o Dom Ramiro constituem territórios onde o natural e o sobrenatural se entrelaçam por meio de sinais, assombros, encantarias e prenúncios. O artigo sustenta que os “lugares não certos” não devem ser compreendidos como meros espaços de anomalias ou superstições, mas como fronteiras de conhecimento que envolvem sensorialidade, ancestralidade e resiliência. Com base na cosmologia amazônica e na oralidade dos vaqueiros, defende-se que esses territórios são constitutivos de uma identidade singular e expressam uma linguagem própria de leitura e orientação do mundo. Conhecê-los implica reconhecer outras epistemologias, em que o silêncio, o respeito e a escuta atuam como dispositivos de saber. Trata-se de uma cartografia sensível, onde memória, corpo e território se confundem num só movimento.

Palavras-chave: Cosmologia; Oralidade; Etnografia; Encantamento.

Abstract: The article proposes a reading of the “uncertain places” of the Marajó cowboys: spaces loaded with meaning that function as symbolic portals between the visible and the invisible. Anchored in an ethnography situated at Fazenda Mineiro, in the community of Cima do Teso, the text centers the listening of the cowboys, whose oral narratives reveal sensitive experiences and inseparable relationships among humans, non-humans, animals, and landscapes. Places such as Ponta do Maguary, Furo do Bode, Xixá do Carro, Três Ilhas, and Dom Ramiro constitute territories where the natural and the supernatural intertwine through signs, hauntings, enchantments, and omens. The article sustains that the “uncertain places” should not be understood as mere spaces of anomalies or superstitions but as frontiers of knowledge that involve sensoriality, ancestry, and resilience. Based on Amazonian cosmology and the cowboys’ oral tradition, it is argued that these territories are constitutive of a singular identity and express a particular language of reading and orientation in the world. To know them implies recognizing other epistemologies in which silence, respect, and attentive listening act as knowledge devices. It is, thus, a sensitive cartography, where memory, body, and territory merge into a single movement.

Keywords: Cosmology; Orality; Ethnography; Enchantment.

¹ Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Especialista em Coach e Gestão Estratégica de Pessoas (UNOPAR). Mestrando em Ciências da Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7794-0099>. E-mail: mentbrilhante@gmail.com.

² Doutor em Antropologia Social - Museu Nacional/UFRJ. Docente no Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade - Universidade Federal do Oeste do Pará - ORCID: <https://orcid.org/my-orkid?orkid=0000-0003-2076-5214>. E-mail: mgl.aparicio@gmail.com.

Introdução

Estas páginas surgem a partir de um ponto específico no tempo e no espaço – a comunidade de Cima do Teso, mais precisamente a Fazenda Mineiro, na Ilha de Marajó, a 4,5 km da beira do Arari, rio que banha a cidade de Cachoeira do Arari e a separa de Ponta de Pedras, município vizinho. Foi nesse lugar que nasci, cresci, escutei, aprendi e testemunhei tudo aquilo que agora compartilho, juntamente com o professor Miguel Aparício, orientador da pesquisa³ que também é memória⁴. O que aqui se apresenta não é só uma narrativa etnográfica, mas fragmentos de uma história construída no interior, entre bichos, sol, terra, água e lama. Escritas na convivência e no silêncio que só quem conhece uma fazenda da Ilha de Marajó poderia compreender, estas folhas são estilhas que misturam pertencimentos, afetos e escutas. E, sobretudo, têm a intenção de soar como um convite a se pensar como o vaqueiro nascido na Ilha dá sentido aos lugares onde, às vezes, o tempo escolhe passar devagar.

Desde antes de ingressar no curso de mestrado, acalentava o desejo de escrever sobre a vida das pessoas desse lugar, mas me faltavam motivos e até um pouco de coragem. Contudo, as orientações recebidas me fizeram compreender que, mais do que uma vontade, era um chamado silencioso de meus ancestrais, que ecoava sobre mim desde a infância, quando ainda morava no Mineiro e percorria os campos para ajudar meus pais na lida dos animais. Nesse período, a experiência vivida na infância — moldada pela interação e convivência entre humanos, animais e

³ Este ensaio é parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “A vida do vaqueiro marajoara “d’outro” lado do rio: uma abordagem etnográfica”, defendida pelo autor em 21.05.2025, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade – PPGCS, na Universidade Federal do Oeste do Pará. A pesquisa foi desenvolvida sob a orientação de Miguel Aparício Suárez, cuja escuta crítica e acompanhamento acadêmico foram fundamentais na consolidação desta escrita.

⁴ A pesquisa foi desenvolvida por um filho de vaqueiros na comunidade de Cima do Teso, formada por fazendas que compartilham o mesmo espaço, porém delimitadas pela independência de cada uma. Os dados foram extraídos das conversas, das narrativas e das lembranças dos vaqueiros e, principalmente dos relatos feitos pelos filhos dos vaqueiros Lavino e Anamaria, que viveram por longos anos na fazenda Mineiro. Localizada no município de Ponta de Pedras, essa propriedade tem como referência urbana a cidade de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó, no Estado do Para.

paisagens — foi, aos poucos, se tornando memória. Então, enquanto buscava fazer o resgate da figura do Tibinho, me perguntava: como escrever sobre meus pais sem falar de outros vaqueiros que também percorreram esse território, montando cavalos-jangadeiros, ariscos, em meio aos bichos?

Diante disso, escolhi reunir todos eles sob uma mesma designação: *vaqueiro marajoara*, expressão que acolhe homens, mulheres, jovens e antigos, e que pretende dar conta de uma coletividade cuja história se entrelaça para formar um mundo imaginário que ficou conhecido como os “lugares não certos”. Assim sendo, entre a reflexão e a vida nesse interior, o vaqueiro marajoara representa o motivo, e a Fazenda Mineiro, o lugar onde foram sedimentadas as histórias imaginárias e as narrativas magníficas feitas pelas pessoas dali. Dessa forma, a fazenda, além de dar sustentação a esta escrita, emerge como um lugar de partilha das narrativas feitas pelos próprios vaqueiros, que provam ter a sutileza e a sensibilidade dos grandes narradores.

A fazenda mineiro

Esse é um lugar onde o tempo parece não ter pressa. Ali, os dias passam no compasso dos animais, no ressoar dos cascos dos cavalos na terra e no silêncio da madrugada quebrado pelas vacas búfalas chamando por suas crias, bem na porteira do curral. Foi ali que nasci e foi ali que fui criado. Esse lugar é um organismo vivo, onde pessoas, bichos e histórias nascem, vivem e se movimentam juntos, como se fizessem parte de um mesmo corpo. Essa fazenda foi fundada na primeira metade da década de 1970, no século XX, em uma época que morar “d’outro” lado significava atravessar o rio Arari, de casco ou a nado, para estudar ou vender leite em Cachoeira, no mundo urbano mais sociável e, depois, retornar para a fazenda, para o convívio da família, de pessoas amigas, animais, paisagens e, enfim, encantamentos.

Foi nesse lugar que viveram meus pais, Lavino Ribeiro e Anamaria, e onde parte dos meus irmãos nasceram e cresceram. Seu Lavino era dessas pessoas que não falavam alto, mas quando

abriam a boca, a fala era na medida certa. Seus gestos e olhares ensinavam, orientavam mais do que seus discursos. Dona Anamaria, por sua vez, ainda equilibra a sabedoria de quem estudou na cidade e morou longos anos no campo. Entre cuidar das crianças, da casa, preparar os alimentos e contar histórias para entreter os filhos, ela foi a única professora de lá — ela dizia que cabeça de gente não foi feita só para nascer cabelo, criar piolho e carregar chapéu, mas para aprender tudo o que fosse útil e descartar as futilidades. Os filhos, nós, os mais moços, aprendemos a ler e a escrever com ela e fomos moldados pela mesma linguagem como eram tratados os bichos, com respeito às diferenças e às individualidades. Nesse lugar, dormíamos em redes armadas e enfrentávamos o sereno frio das madrugadas que cegavam as estradas.

Nesse tempo, a fazenda Mineiro ganhou relevância e se tornou ponto de referência para outras propriedades — aquelas do Cuberto, do outro lado do rio, e as que ficam “dentro da cerca”, como o papai chamava as fazendas mais afastadas, mas conectadas pelas porteiras das cercas de arames e das águas dos igarapés. Ela começou como um rancho improvisado, abrigo de tralhas e de gente, mas foi adicionando corpo à alma que já continha, conforme os rebanhos cresciam, as pessoas chegavam e os relatos se assentavam por um copo de café fresco. Seus primeiros usos misturavam o prático e o simbólico - guardar tralhas e arreios, proteger bodes e carneiros, e a família do seu Lavino. Ali, muitas histórias de ‘lugares não certos’, como o papai definia a partir das histórias de visagens que surgiam, foram depositadas. Essas narrativas, hoje, dão forma à espinha dorsal desta escrita.

Nesse pedaço de chão, há muitas marcas visíveis, e outras invisíveis. Do lado de fora, escondidos, há cacos de cerâmica enterrados nos fundos da casa-sede que revelam uma presença antiga, anterior à chegada dos vaqueiros, que alguns dizem se tratar de um cemitério indígena. E, do lado de dentro, há memórias que só podem ser acesas à boca da noite na prosa que antecede o sono. É comum os vaqueiros mais velhos se lembrarem dos “lugares não certos” - regiões en-

cantadas que ainda causam arrepios e fazem o vaqueiro tremer e respeitar esses locais. A *ponta do Maguary*, o *furo do Bode*, o *Xixá do Carro*, as *Três Ilhas* e o *Dom Ramiro* são nomes que se repetem e se ressignificam em cada geração, em cada ouvido e olhares atravessados pela cerração da madrugada que irriga o pasto seco e molha os campos no verão.

Essas razões me permitem afirmar: esse lugar não é apenas um cenário ou uma lembrança, mas um personagem que pulsa. E a gente respira junto com quem ali vive e ali viveu. Logo, é mais do que um espaço ingênuo, é um território de lembranças, uma fronteira entre o mundo visível e o imaginado, onde o acontecido segreda — ora pelo sopro de um boi nervoso, ora pelo olhar desconfiado de um cavalo jangadeiro, ora pelo calafrio que percorre, através da oralidade, as costas de quem sabe que está pisando em um lugar respeitado: um campo onde o vaqueiro marajoara não anda só, mas ladeado por memórias, presenças e silêncios.

Esses nomes e relatos que se ressignificam em cada geração são como testemunho vivo dos encantamentos que percorrem o território e atravessam os sentidos do vaqueiro marajoara. A presença dos encantados nesta parte da Amazônia, afinal, não se restringe ao imaginário: ela pulsa nas travessias e nas histórias que moldam a convivência entre gente, bichos e paisagens. Na introdução de *Isso tudo é encantado*, Florêncio Vaz (2013) revela como figuras como o Boto, a Cobra Grande e o Curupira fazem parte do cotidiano do ribeirão, com ressonâncias que também ecoam nas vivências do vaqueiro marajoara, transmitidas de geração em geração como saberes que orientam o viver. Romcy-Pereira (2018), em suas reflexões sobre o Baixo Tapajós, mostra como esses seres encantados contribuem para a constituição dos lugares e dos laços entre humanos e não humanos, como se a terra tivesse ouvidos e memória própria. Já Kauã Vasconcelos (2022), escrevendo sobre a Ilha de Marajó, propõe que os encantados se afastam diante das mudanças climáticas e urbanas, como se silenciosamente denunciassem o descompasso entre o mundo tradicional e o mundo insone que se impõe. Juntos, esses autores ajudam a reconhecer os encantados como entidades que

atravessam o vivido e o narrado, exigindo escuta, respeito e a delicadeza de quem pisa devagar por campos cheios de memória.

Entre campo, corpo e memória: meu caminho na pesquisa

Nessa etnografia, estive presente tanto como pesquisador quanto como nativo que sente, escuta e compartilha. O percurso foi marcado por travessias e reencontros — de lancha e internos —, com ajustes metodológicos criativos, mas com a sensibilidade para transformar entrevistas formais em conversas naturais. Com isso, os laços foram sendo refeitos entre vaqueiros marajoaras de diferentes épocas, especialmente entre aqueles que figuram como personagens dessa história — seu Lavino (*in memoriam*) e Dona Anamaria, meus pais vaqueiros, cujas escutas cheias de afeto e sabedoria me conduziram em direção ao peso e ao valor de dizeres tão antigos como “mucufô não se cria” e “de peito aberto”. Essas expressões não apenas revelam uma filosofia de vida, mas desenham o vaqueiro como agente de sua própria cultura.

A interação direta muitas vezes foi mediada pelas redes — pelo WhatsApp, pelas chamadas de vídeo — com o vaqueiro feitor da fazenda Mineiro, que somada ao respeito pelas encantarias e pela linguagem local, mostrou que meu corpo em campo não esteve apenas coletando dados: ele esteve interagindo, reabitando, interferindo e sendo afetado por esse espaço marajoara. É nessa costura entre o físico e o invisível que a narrativa deste trabalho foi sendo bordada com um retrato comprometido e carinhoso da comunidade de Cima do Teso, lá na Ilha de Marajó.

A pesquisa foi híbrida e orgânica. A ida à cidade de Cachoeira do Arari não só me levou à Fazenda Mineiro como também a encontros marcantes com pessoas como o casal de vaqueiros, Cabo Zeca e Dona Dina, mesmo enfrentando dificuldades de locomoção e de saúde. As entrevistas planejadas como semiestruturadas rapidamente viraram trocas espontâneas, como deve ser quando o outro nos fala de si com generosidade. E depois, com a ajuda das ferramentas digitais, mergulhei

nas lembranças dos vaqueiros de outras fazendas — como João Balá, da Flecheira — continuando a escuta, mesmo à distância.

Minha posição foi a de observador-participante, mas mais do que isso: estive afetivamente implicado e ético no compromisso de dar lugar às vozes que falam de uma ancestralidade que vive. As memórias, minhas e as deles, alimentaram um processo encarnado e reflexivo de escuta, revelando encantarias, modos de fazer, filosofias e gestos que compõem a vida no Marajó. Essa etnografia é, assim, o resultado de um percurso sensível e comprometido, atravessado pelas vozes que pulsam do outro lado do rio Arari, na comunidade de Cima do Teso.

Lugares não certos, lugares respeitados

Figura 1 – Mapa interligando a fazenda Mineiro aos lugares não certos



Fonte: Euclides Ribeiro, com imagens do Google Maps.

Os vaqueiros da ilha de Marajó identificam alguns locais nos territórios onde atuam como “lugares não certos”, que implicam em paisagens carregadas de significados que transcendem o material e projetam entrelaçamentos entre humanos e não humanos. Essas áreas, situadas “do outro lado do rio”, inspiram memórias de encontros com seres encantados e presenças extraordi-

nárias que transbordam a espacialidade do cotidiano. A experiência de transitar por esses lugares faz do vaqueiro um grande contador de histórias. Ali vivencia “um sereno repentino que o impede de enxergar um palmo à frente na estrada”, avista animais e vultos no campo e experimenta preságios, tremores, calafrios.

Tais vivências superam o plano individual e alimentam um imaginário coletivo que transforma essas paisagens em portais simbólicos. Nesse contexto, o racional cede lugar ao místico, inserindo o vaqueiro em um espaço multi natural que desafia a lógica ocidental e reafirma outro tipo de relações entre humanos e paisagens, em estreita sintonia com as cosmologias amazônicas (Viveiros de Castro, 1996; Wawzyniak, 2003) que reinterpretam as fronteiras entre o social, o natural e o sobrenatural. Até mesmo o animal que o vaqueiro conduz, ou que é conduzido por ele, reage de modo abrupto, atípico, com assopros nervosos, passos acelerados e olhares fixos, oferecendo aos olhos humanos uma evidência de que algo fora do comum se manifesta. Essas reações não apenas refletem a manifestação de vivências especiais, mas também destacam a íntima sintonia entre o vaqueiro, os animais e o ambiente, um elo que desborda o físico e adentra outros níveis de imanência.

Sob uma lente etnográfica, essa maneira de reagir dos animais e as percepções do vaqueiro podem ser consideradas como componentes de uma lógica que atribui significados outros às experiências vividas nesses lugares. Para o vaqueiro marajoara, esses espaços se tornam portais para o desconhecido, marcando a relação complexa entre o natural, o sobrenatural e o imaginário coletivo marajoara.

Para os vaqueiros da ilha de Marajó, esses lugares constituem verdadeiros portais que expressam uma cosmologia multidimensional que vincula no território a dimensão do conhecido e do desconhecido. O conceito de “não certo” emerge com veemência nas narrativas dos mais velhos da comunidade de Cima do Teso. Suas histórias, por vezes associadas a fenômenos pouco compreendidos, refletem não apenas o imaginário coletivo do vaqueiro, mas também a maneira como

esses espaços ajudam a construir suas identidades. Tais narrativas são mais do que simplesmente “imaginárias”: elas desempenham um papel social decisivo na estruturação do cotidiano do Marajó e na percepção de mundo do vaqueiro marajoara, mostrando como esses espaços conectam o passado e o presente (Délcia Pombo, 2014).

Por outro lado, nessa comunidade, as experiências são moldadas por uma visão contrastiva do mundo, frequentemente expressada pelos mais antigos como “do lado de lá” e “do lado de cá.” Essa dualidade não apenas delimita geografias, mas também traduz vivências distintas, em que a fluidez entre diferentes mundos — o visível e o invisível — organiza a cosmologia regional. Essa perspectiva ajuda a compreender como as sensações captadas pelos olhos do vaqueiro se diferenciam profundamente daquelas experimentadas pelos animais que o acompanham. Essas diferenças se tornam mais marcantes em momentos de tensão e misticismo: arreios adornados para formar uma cruz na testa dos cavalos são vistos como proteção espiritual e material contra o desconhecido. A mesma prática se aplica aos búfalos e aos bois mansos.

Nesse contexto, dois fatos se destacam na origem dos “lugares não certos”, amplamente legitimados pelas narrativas ancestrais. Primeiro, “pelo lado de cá”, o vaqueiro da ilha de Marajó vivia sob uma liberdade limitada, não sendo reconhecido plenamente em seus direitos, apesar de ser considerado “pessoa livre”. Segundo, “pelo lado de lá”, essa mesma liberdade era concretizada no espaço aberto dos campos, sobre o lombo de seus companheiros de jornada: cavalos, bois e búfalos. Dessa forma, esses espaços se tornam tanto lugares de proteção quanto de resistência cultural, e de certa forma social, ao mesmo tempo em que revelam uma própria lógica explicativa do mundo, que sustenta identidade marajoara. Como sugere Pombo (2014), o imaginário coletivo do vaqueiro contribui para ressignificar as paisagens marajoaras e transformá-las em territórios de memória e pertencimento do vaqueiro. Vejamos como são concebidas estas paisagens a partir das narrativas vaqueiras da região.

Ponta do Maguary

Na região do Marajó abordada neste estudo, os vaqueiros consideram que cada lugar tem um dono que age como guardião, protetor (Fausto *apud* Cabral de Oliveira, 2016). Assim, em cada lugar que visitava ao longo do dia, Tio Lota, pai do vaqueiro Lavino, primeiro saudava a entidade guardiã do local e, em seguida, pedia permissão para entrar e realizar a ação pretendida, conforme relata Agnaldo, seu neto, que conviveu com ele por um longo período na região do velho rio Tarumã, na área do Maguary. Segundo ele:

Tio Lota não fazia oferendas ou promessas, apenas acendia velas em casa, antes de sair de casa e quando retornava, agradecia fazendo suas orações. Na mata, no campo e no igarapé, ele observava as respostas que vinham pelo avistamento repentino de algum animal, inseto ou pelo movimento das folhas das árvores (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

Esses sinais, como descreveu Agnaldo, serviam de guia espiritual para ele, uma prática que ressoa profundamente na relação que o vaqueiro estabelece com o ambiente da Ilha de Marajó. Tio Lota observava atentamente o movimento da mata, das folhas das árvores, a força e a direção do vento, a agitação e o silêncio, o voo e o assobio dos pássaros, bem como o movimento dos insetos, como as borboletas, e interpretava tudo como uma resposta ao seu pedido: “a natureza fala e tem as respostas.” Tio Lota dizia que as borboletas eram as mensageiras de Deus na floresta, pois muitas trazem figuras divinas pintadas em suas asas. (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024). Essas observações sensíveis não apenas determinavam se o lugar era “certo” ou não, mas também simbolizavam a íntima conexão com esses locais. Cada espaço visitado se tornava, para o Tio Lota, uma extensão viva e espiritual de suas tradições ancestrais marajoaras.

Naquela época, segundo dona Ana, “quando ele ainda tinha um pouco mais de forças, dois de seus netos moravam com ele por causa de sua idade avançada” (Dona Ana, janeiro de 2024) e, assim, herdaram parte dos conhecimentos e costumes que ele cultivava. E, conforme narrou Ag-

naldo, o “Tio Lota dizia que a Ponta do Maguary era a morada de um guardião que percorria, todos os dias, desde lá até próximo ao sítio Bom Jesus, onde ficava o campo santo do Cuberto”. Nesse trajeto ficava a casa do Tio Lota e de seu sobrinho, Pidório.

O maguary é um pássaro de cor lilás, que vive, caça e dorme solitário; raramente se agrupa, nem mesmo para pescar ou dormir. É uma ave elegante, desconfiada e exímia pescadora de peixes e pequenas cobras. Tio Lota e o tio Lavino diziam que onde pousa um maguary ou um gavião belo, pode-se lançar a tarrafa que, pelo menos, um acary garrote ou um tamuatá mambeua será pescado (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

Essas observações não se limitam às estratégias de pesca, mas expressam também a relação íntima que há entre as pessoas e os habitantes não humanos da região do Cuberto. O maguary, com sua postura solitária e misteriosa, ainda é visto como um mensageiro divino, guiando e protegendo aqueles que transitam pelos lugares não certos. Para o vaqueiro da região, o pouso dessa ave no galho mais alto da árvore expressa uma permissão, um sinal de harmonia e aceitação do guardião que habita essas paisagens. Assim, a Ponta do Maguary consolida-se não apenas como um espaço geográfico da região do Cuberto, mas como um território espiritual e cultural, carregado de significados que conectam o natural ao sobrenatural. Vejamos outras narrativas, como a relatada por Agnaldo, que morou por vários anos com o Tio Lota, próximo à Ponta do Maguary, por vários anos:

No curso do rio Velho Tarumã, há uma porção de terras com algumas árvores, principalmente palmeiras de tucumã, bacaba e inajá. E, na ponta desse lugar, próximo à margem do rio, uma imponente sumaumeira se destacava pela altura e imponentia, parecia uma majestade. Essa árvore servia de dormitório para o maguary, que todas as manhãs cruzava a frente da casa de Tio Lota em direção ao Bom Jesus, de onde retornava apenas ao anoitecer. (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

A sumaumeira, imensa e solene, não apenas oferecia repouso ao maguary, mas também consolidava sua presença como um marco simbólico no imaginário local. Para Agnaldo, a rotina da ave, com seu voo diário em frente à casa de Tio Lota, representava mais do que um fenômeno

natural; era uma expressão do elo entre humanos, paisagem e o desconhecido. A samaumeira e o maguary são habitantes protagonistas desse “lugar não certo” que molda a percepção desse território da região do Cuberto.

Segundo Agnaldo, esse trecho do velho rio seca no verão, porém no inverno enche de ponta a ponta. Na estiagem, quando a maré enche no rio Arari, a água brota do interior da terra, limpa, clara e potável, irrigando parte do terreno em frente à casa onde Tio Lota morava, fazendo o pasto crescer novo e verde. Dessa maneira, a vida nesse lugar se renova o ano todo, refletindo a harmonia entre os ciclos da natureza e a espiritualidade local. Para Tio Lota, esse fenômeno de renovação constante, aliado às narrativas de mistério e respeito, estabelece o Velho Tarumã, a Ponta do Maguary e seus arredores como lugares respeitados, lugares não certos, carregados de significados que entrelaçam o natural e o sobrenatural na cosmovisão do caboclo do Marajó.

Furo do Bode

A casa do Tio Lota ficava cerca de 50 km da cidade de Cachoeira do Arari. Essa distância era percorrida a galope de cavalo, em até 4 horas, pelo caminho antigo. Nesse percurso, havia lugares com nomes “estranhos” que chamavam a atenção. Entre eles, o conhecido como “Furo do Bode”. Esse local, por muito tempo, serviu de corredor para os moradores da região do Cuberto, que têm a cidade de Cachoeira do Arari como referência, e de passadiço para os vaqueiros da região de dentro da cerca, ao conduzirem as boiadas para serem embarcadas no porto do Mutá⁵, às margens do rio Arari. Segundo dona Ana, “desde que a gente morava no Cururu, o Lavino fazia esse trajeto e eu ficava sozinha com os meninos”.

De acordo com ela, naquela época, esse percurso era aberto e sem cercas. O limite entre as propriedades estava constituído apenas pelos marcos que identificavam o início e o fim de cada

⁵ Nome de uma árvore presente nas matas do Marajó.

terreno. “O caminho mais curto até o Mutá era o Furo do Bode, que fica às margens do rio Tarumã, no outro lado da ponta do Maguary, dizia o Lavino” (Dona Ana, agosto de 2024). Os vaqueiros mais velhos asseguravam que a região do Cuberto abrigava muitos mistérios, devido às sombras das árvores que guardam a margem do velho rio. Nesse ponto, cabe destacar que a maneira de falar do vaqueiro marajoara modifica certas palavras para dar mais graça à forma de pronunciá-las: por exemplo, retirando algumas letras da palavra “encoberto”, vira “Cuberto”, devido à vegetação densa que caracteriza o lugar. A região do Cuberto apresenta uma atmosfera intensa e rica em histórias e relatos que jazem sob sua extensa vegetação.

O Furo do Bode, do mesmo modo como a Ponta do Maguary, é cercado por um imaginário marcado por mistérios que ultrapassam o visível. Esses lugares, definidos tanto pela geografia quanto pelas narrativas coletivas, tornam-se referências fundamentais na construção do universo dos lugares não certos. Nesse contexto, as histórias relatadas seguem o mesmo curso entre gerações, preservada pela oralidade que atravessa o tempo. Contada como algo vivenciado pelos vaqueiros Lota e Ambrósio, que trabalhavam nas fazendas Ibacoby e Cururu há tempos, deu origem ao nome do encontro da mata com o rio Tarumã, conhecido desde então como o Furo do Bode. Adiante, a história conforme contada por Agnaldo Ribeiro, neto do Tio Lota, reforça a memória coletiva e os laços culturais daquela região.

Dizia o Tio Lota que ele e seu primo Ambrósio, sempre que acompanhavam a boiada para embarcar no porto do Mutá, retornavam tarde da noite. E todas as vezes que atravessavam o rio Tarumã, no trecho mais estreito, avistavam três bodes brancos. Em uma das ocasiões, voltando tarde do Mutá, perto das horas mortas, resolveram que, se os bodes estivessem lá pastando, iriam laçar, castrar os bichos e levar os testículos como troféu. Ao atravessarem o rio, lá estavam eles. Ambrósio, que era bom de laço, correu a mão na garupa, desmanchou a corda, fez o laço e acertou de primeira o pescoço de um deles. Por ser mais velho que o Tio Lota, deu-lhe a ordem para cas-

trar o bicho. Lota obedeceu-lhe, mas quando se aproximou, notou que não era um bode, e sim um belo bezerro branco. Lota, então, retirou o laço do pescoço, soltou o animal e retornou para o seu cavalo, dizendo ao Ambrósio qual animal era e que estava tendo vertigem. Lota dizia que ficou mal por um bocado de tempo, com uma dor de dente que não cessava nunca. Foi preciso visitar uma benzedeira para curar essa dor, que desde então passou a sentir. Com a propagação da história, o local ficou conhecido como Furo do Bode (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

A experiência de Tio Lota e Ambrósio transcende o plano individual e se enraizou no imaginário marajoara como uma narrativa que desafia a lógica e reafirma a potência dos lugares não certos. O Furo do Bode, com sua carga simbólica e histórica, continua sendo um ponto de referência e respeito na paisagem cultural do Marajó. Experiências como essa constroem um vínculo entre as gerações, reafirmando a importância dos sinais, mitos e narrativas que permeiam a relação entre as pessoas e o território.

Os lugares não certos, lugares de respeito, são frequentemente percebidos como fruto das indagações sobre os mistérios que o ambiente apresenta. Há vários cantos que, ao anoitecer, estão de um jeito e, quando amanhece, estão de outro; lugares dos quais nenhum animal se aproxima. Essas mudanças inexplicáveis geram inquietação e exigem respeito por parte do vaqueiro marajoara, que os evita a qualquer custo.

Xixá do Carro

Abordaremos agora um dos “lugares não certos” mais instigantes da região. Imagina-se que existam outros ainda desconhecidos na região do Cuberto, pois os vaqueiros marajoaras acreditam que os espaços onde os animais não pastam também são “lugares não certos,” mesmo com pastagem e água abundosos. O nome Xixá do Carro tem origem em uma narrativa contada pelos vaqueiros mais velhos que a ouviram, conforme narrou o vaqueiro Tibinho: “dois bois-de-carro

que passavam por esse lugar, puxando uma carroça, se rebelaram, destruíram o veículo que puxavam, desconhecaram seus vaqueiros e escaparam.” Além disso, é o lugar onde o saudoso vaqueiro Santuca, feitor da fazenda Cuieira, travou sua memorável luta com um vaqueiro encantado que ele nomeou de Vaqueiro Pretinho.

Esse episódio não apenas contribui para o imaginário do vaqueiro, mas também reforça a ideia de que esses lugares abrigam forças misteriosas, além da compreensão lógica. A narrativa do Santuca, marcada pela luta entre ele e o Vaqueiro Pretinho, insere-se em um contexto onde o ordinário é sobreposto pelo extraordinário, refletindo a intrínseca relação entre humanos e território. Como em outros relatos de “lugares não certos,” a conexão entre vaqueiro, animais e o inexplicável revela um universo simbólico que transcende a geografia física, fortalecendo o imaginário coletivo de forma única. A luta de Santuca não é apenas uma história de confronto, mas um símbolo de resistência e de interação com as forças enigmáticas que permeiam as paisagens da região do Cuberto.

O Xixá do Carro, assim como outros locais marcados por mistérios e simbologias, exemplifica como as narrativas ajudam a construí-los e a perpetuá-los. Esses espaços se destacam como elementos essenciais do universo cultural dos vaqueiros marajoaras, revelando uma dinâmica entre o visível e o invisível que desafia a lógica e se conecta à memória ancestral da comunidade. A narrativa do vaqueiro Santuca, transmitida oralmente de geração em geração, atribui significados profundos a esse espaço, transformando-o em um símbolo desse imaginário. É nesse contexto que surge o relato de Tibinho, que exemplifica como tais histórias moldam a percepção e a vivência dos vaqueiros em relação ao território em que habitam.

Santuca era um vaqueiro do tipo gázio, mas queimado pelo sol; de porte físico graúdo e homem de palavras firmes e muitas verdades. Acostumado às voltas pelos campos do Marajó, principalmente, nas regiões do Cuberto e do Lavrado, a qualquer hora do dia ou da noite. Era um vaqueiro corajoso e destemido até essa noite, quando lutou com esse encantado. Todo ano, no Mutá, lugar que às margens do rio Arari, acontecia uma festa, que era famosa entre os vaqueiros

das fazendas da região do Cuberto, de dentro da cerca e de cima do teso; muitos cavalgavam grandes distâncias para chegar até lá. Nesse ano, Santuca foi, mas no meio da noite, resolveu retornar à fazenda. Quando passava pelo Xixá do Carro, um vaqueiro o acompanhou. Por ser noite de lua, ele pode notar que o cavalo do desconhecido estava bem arreado e com a corda na garupa. Como o desconhecido o chamou pelo nome, Santuca, que levava um litro de cachaça na mão, lhe ofereceu um gole. O desconhecido aceitou e disse: “Você é famoso e estou aqui para comprovar a sua fama. Vamos lutar?” Santuca que não enjeitava uma luta, topou de imediato. Ambos desceram dos cavalos e os amarraram em uma árvore de murucizeiro, espécime típica dali. Depois, algumas calçadas e recalçadas, Santuca notou-se cansado e sem forças. Mas em um instante de lucidez, pensou: “Não posso perder para esse macho”. Então, Santuca correu a mão na cintura, puxou da peixeira e fez uma cruz na terra e enterrou a faca no centro da cruz. Santuca dizia que nesse instante o vaqueiro desconhecido sumiu de suas vistas e ele, então, montou e pode seguir até às cuieiras, porém sujo de terra. Depois disso, Santuca ficou variando uns dias até ser rezado por uma benzedeira. E, sóbrio, contava que no Xixá do Carro, ele lutou com um vaqueiro cujo nome ele nunca soube dizer (Tibinho, janeiro de 2024).

A partir dessa história, os vaqueiros Luquita, Baixote e Vavá do Fite, amigos desde a juventude, resolveram desafiar “pretinhos,” como ficaram conhecidos os vaqueiros que ‘assombravam’ o Xixá⁶ do Carro. Segundo diziam, eram três. Tanto que, de acordo com o relato do Luquita, eles decidiram desafiá-los e chegaram a passar uma noite inteira nesse lugar não certo, para provocá-los para uma luta marajoara⁷. No entanto, segundo ele, ninguém apareceu naquele dia — ou melhor, naquela noite.

As três ilhas

A área do Cuberto, onde se encontram o Furo do Bode, a Ponta do Maguary e o Xixá do Carro, ganharam relevância para esta pesquisa, também, por se assemelharem à região do Pantanal. Nessas bandas, está a propriedade do tio Lota, pai do vaqueiro Lavino, chamada “Flor de

⁶ Xixá é o mesmo que derrapagem no entendimento do vaqueiro marajoara.

⁷ Luta marcial típica do outro lado do rio criada pelo vaqueiro marajoara, praticada ao anoitecer, à beira do poço, para esquentar o corpo antes do banho. À boca da noite, nas fazendas do Marajó, faz bastante frio e a água fica bastante fria.

Minas”. Devido à presença de familiares desse vaqueiro, muitos moradores da região são parentes. Também havia vestígios, como os campos santos, indicando que esse espaço funcionou como abrigo para escravizados que escapavam das fazendas da região, uma espécie de quilombo. Neste lugar, os habitantes se amparam por meio da caça, pesca e da coleta de recursos naturais (bacuri, caranã, bacaba, açaí).

Ao explorar outros lugares emblemáticos da região que seguem essa linha de encantamento e respeito, encontramos com os relatos sobre a área das Três Ilhas, que dialogam diretamente com a visão cultural e espiritual dos vaqueiros marajoaras, oferecendo uma lente valiosa para compreender a relação entre as pessoas e seus territórios carregados de significados coletivos. Situada na região da fazenda Mineiro, a famosa Três Ilhas é um dos lugares mais respeitados pelos vaqueiros marajoaras. Segundo relatos, esse espaço é cercado de mistério e temor, onde as fronteiras entre o mundo físico e o sobrenatural parecem se confundir. Conta o vaqueiro Tibinho: “Ali, à noite, é comum surgirem cavalos e vaqueiros encantados no meio da estrada, e não se sabe de onde eles surgem. Também, pedras são atiradas nas pessoas que passam por lá, depois da boca da noite. Talvez por ser uma encruzilhada. (Tibinho, agosto de 2024)”.

Histórias similares são narradas por moradores da área do Limpo Grande, na região do Cuberto, mantendo viva a rica tradição oral da comunidade. Narrativas como essa, adiante, trazida pelo neto do tio Lota, Agnaldo, descreve um episódio surpreendente:

Há vários anos, um avião, de porte médio, sofreu um acidente e as vítimas não puderam ser resgatadas. O tio Lota contava que era inverno quando houve esse acidente. É sabido que o ‘cuvão’ onde ele caiu está lá para quem quiser ver. Quando a gente passava por lá, depois da boca da noite, nas horas mortas, era comum ouvir gritos e sentir o cabelo arrepiar. (Agnaldo, janeiro de 2024).

Por sua vez, as Três Ilhas se destacam não apenas por apresentar uma geografia desigual, mas também pela riqueza das histórias transmitidas entre gerações, que adicionam outras camadas

de significado ao lugar. Para o vaqueiro marajoara, esse espaço ganha uma dimensão quase mística, alimentada por narrativas que misturam memórias, símbolos e interações com o ambiente. Essa relação reforça a ideia de que o espaço geográfico, embora tangível, é moldado e ampliado pela percepção e pelo imaginário do próprio vaqueiro. A região das Três Ilhas, explicou o Amadeu, é um lugar que intermedeia a cidade de Cachoeira, o rio Arari, a Enseada e a comunidade de Cima do Teso. De acordo com ele, é um lugar por onde passam os vaqueiros a caminho da cidade de Cachoeira. Essa posição estratégica faz do local um ponto de passagem inevitável, carregado não apenas de importância prática, mas também de histórias que desafiam o comum. As Três Ilhas, portanto, marcam a convergência de três caminhos, formando uma configuração que lembra um pé de galinha: o primeiro “dedo” direciona para a cidade de Cachoeira do Arari; o segundo, rumo para as áreas do Curralinho, Santa Júlia e Curral do Meio; e o terceiro aponta a direção das fazendas da comunidade de Cima do Teso, mencionadas neste estudo e conhecidas por sua relevância na região. Essa disposição no território confere ao local um aspecto peculiar, reforçando sua importância como um ponto de encontro geográfico e cultural, carregado de histórias que atravessam gerações.

Os vaqueiros que atravessam essa rota, especialmente ao entardecer, ou logo após a boca da noite, costumam relatar eventos misteriosos que dizem respeito às aparições e fenômenos inexplicáveis. Esses relatos transformaram a área das Três Ilhas em um marco simbólico, onde a interação entre o homem e o desconhecido reforça o respeito e a reverência pelos lugares não certos, conforme transmitem as narrativas dos caboclos marajoaras.

Os mais velhos diziam que o nome Três Ilhas se deve ao fato de existirem três ilhas semelhantes, compostas por árvores de uririzeiro, cuja fruta lembra a pimenta do reino por causa do tamanho e da semente picante, porém é travosa e doce. A distância entre elas é praticamente a mesma, até parece que foram plantadas na mesma distância. O vaqueiro que passa nesse lugar, a partir das seis horas, na boca da noite, corre o risco de receber pedradas (Amadeu, janeiro de 2024).

Certa ocasião, um dos filhos de seu Lavino, conforme narrou o vaqueiro Tibinho, voltando da escola na cidade, à noite, por essa estrada, e após essa curva e antes de se aproximar do igarapé das almas, percebeu um poldro que apareceu à frente de seu cavalo. Para ele, era um animal belo, alazão e brincalhão, o que o fez pensar que havia se afastado da mãe. Eis a transcrição da narrativa:

Nesse dia, o Lucas montava o melhor cavalo entre aqueles que ele havia amansado, batizado com o nome de Flamengo. Era um alazão acostumado a disputar porfias; era certo para gado e bem treinado, na lama e no teso. Ele contou que tentou alcançar o poldrinho, por várias vezes, mas não conseguiu e, na entrada do mato do Mineiro, o animal sumiu de suas vistas. Só, então, ele pode dar fé de que se tratava de uma aparição das encantarias (Tibinho, Janeiro de 2024).

Esses acontecimentos reforçam as narrativas mágicas que permeiam as *Três Ilhas* e seus arredores, marcando esses caminhos como portais simbólicos para eventos que desafiam a compreensão e que, ao mesmo tempo inspiram o cotidiano da comunidade.

Dom Ramiro

Dom Ramiro, área onde foi erguida a sede da fazenda São Matheus, era uma área desabitada, onde foi construído um açude que não acumulava água no verão e que está localizada em direção à jutairana⁸. Neste lugar inabitado, “os animais só pastavam quando eram pastoreados por lá”, segundo contou Amadeu, que trabalhou como vaqueiro na fazenda Lacre por alguns anos. A jutairana é uma árvore que tombou para dentro do igarapé do Çalito, afluente do rio Arari. Esse local se tornou um ponto de referência para os vaqueiros tarrafejar, especialmente porque está localizado na parte que fica dentro da cerca da fazenda Curralinho, que era da família Frade. Nesse lugar, se aglomeravam várias espécies de peixes nobres como o aracú, tamuatá, sarapó, terçado, cachorrinho-do-padre e mandubeí, devido às raízes dessa árvore. Nas lembranças do Tibinho, al-

⁸ Espécie de árvore.

gumas histórias desse lugar o sublinham como um lugar não certo. Entre as várias narrativas feitas por esse vaqueiro, ele conta que, em certa ocasião:

O vaqueiro Vavá do Fiti, que nessa época era vaqueiro do São Sebastião, por ser sobrinho da Dona Ana, foi dobrar um lote de égua a pedido do seu feitor Valdé, para as bandas do Tuiuiú, afluente do Çalito. O garanhão puxou a guia para a direção do Dom Ramiro e na tentativa de mudar a direção, o Vavá do Fiti correu atalhando o lote, pelo meio do baixão de água que cerca o açude durante o inverno. Na corrida, o cavalo em que ele montava meteu a pata dianteira em um buraco na terra e tombou, quebrando a perna. Ele, o Vavá do Fiti, retirou a cabeça e deixou o cavalo no local do acidente. Mas quando ele seguia pelo meio da água, acabou pisando em uma arraia pequena, que ficou presa em seu pé direito, pelo ferrão. A dor que esse vaqueiro sentiu foi tão intensa, que seus gritos foram escutados de longe. E uma pessoa da fazenda São João, que não recordo quem foi, montou outro cavalo e saiu, a galope, guiado pelo som do grito, para socorrer o Vavá do Fiti. Encontrando-o, cortou o rabo da arraia e o levou na garupa até o Mineiro, onde Dona Ana lhe prestou os primeiros socorros (Tibinho, janeiro de 2024).

Esses relatos reforçam o mistério e a aura de respeito que cercam o Dom Ramiro. Embora seja um local útil e pacífico durante o dia, sua transformação após o anoitecer simboliza a conexão com o sobrenatural. É mais um exemplo vívido dos lugares não certos que permeiam este estudo.

Além dessa narrativa, há outra vivida por seu Lavino e por seu Vavá Siqueira, ambos vaqueiros já falecidos, que saíam para caçar à noite, ora sozinhos, ora em dupla. Segundo o que narrou Tibinho, vivia-se o período do inverno em que a intensidade das chuvas fazia com que a comida ficasse escassa, forçando os vaqueiros a caçarem qualquer ave que pudesse servir de sustento para suas famílias. Nessa situação, marreca, garça, gavião-belo e cacaraí, eram as caças frequentemente buscadas.

À noite, por volta das nove horas, os dois saíram para caçar marrecas; o seu Lavino, na marrequeira ruça velha; e seu Vavá, no búfalo, que era o seu marrequeiro. Foram antes da lua sair e quando a lua clareou no céu, eles avistaram, no rumo do Dom Ramiro, um pássaro branco; segundo eles contavam, era comida suficiente para as duas famílias. E, ao lado dos marrequeiros, tentaram se aproximar da caça. Mas, de repente, o seu Vavá foi ficando pra trás e assoviou para o seu Lavino e se aproximou dizendo: “Ei, Lavino, esse lugar não é certo. Tá vendo que quanto mais a gente encosta, mais o bicho fica distante?” Naquela noite, am-

bos desistiram da caçada e retornaram para suas casas de mãos vazias. (Tibinho, janeiro de 2024).

Essa narrativa destaca o impacto que a área do Dom Ramiro causa na percepção desses vaqueiros: respeito ao lugar. Embora motivados pela necessidade, ambos foram confrontados pela sensação de estranheza e pela incapacidade de capturar o pássaro branco. Esse episódio não só reforça a deferência aos lugares não certos, mas também exemplifica como essas áreas moldam as histórias e experiências transmitidas coletivamente. Dessa forma, vê-se destacada a expressão “lugares não certos,” utilizada pelo vaqueiro marajoara para descrever determinados eventos que observa, como referência aos locais onde esses acontecimentos ocorrem. Alguns desses lugares possuem uma designação específica, como o igarapé das Cuieiras e o igarapé do Santo Antônio, que recebem o nome da fazenda em cujas terras estão localizados. Assim, qualquer ambiente em que ele caminha e percebe algo que não pode explicar; ou onde os animais se mostram assustados sem razão aparente; ou ainda, onde os animais evitam passar próximo, é denominado “lugar não certo”.

De acordo com as reflexões de Délcia Pombo (2014), os relatos e saberes dos vaqueiros são uma poderosa ferramenta para compreender não apenas os fenômenos naturais, mas também os sentidos simbólicos e espirituais atribuídos a esses espaços. Os “lugares não certos” não são apenas paisagens físicas, mas também territórios de memória e identidade cultural.

A comunidade de Cima do Teso, embora não esteja situada no coração da Ilha de Marajó, é habitada por um grupo de pessoas que ocupam as fazendas dali desde os primórdios da colonização dessa área. A partir desse lugar, os vaqueiros percorrem os campos, onde a paisagem se destaca pela rica diversidade de pessoas, animais e vegetais. Em sintonia com essa diversidade, a comunidade mantém uma forte conexão com a vida rural desde sua formação, preservando o imaginário de liberdade. Seus integrantes enfrentam os desafios diários enquanto lidam com a criação

de animais, especialmente búfalos, gado e cavalos. Estes últimos, em particular, são domesticados e treinados desde potros, tanto para o trabalho quanto para momentos de lazer e diversão. Essa estreita relação com os animais e a terra reforça a presença do vaqueiro marajoara como um mediador entre o mundo visível e invisível, um papel central na construção do imaginário que molda tanto a vida prática quanto as narrativas da região.

Apesar de sua aparência robusta e da resistência comparável aos animais que vigia, o vaqueiro marajoara distingue-se por sua resiliência. Essa qualidade permitiu sua adaptação inteligente ao ambiente desafiador da Ilha de Marajó, consolidando-o como uma figura central para a compreensão do território e de sua história. A existência desses homens e mulheres é tecida com histórias de superação, intrinsecamente ligadas à construção da identidade cultural e social da região. Entrelaçados ao cotidiano das fazendas e aos desafios do campo, eles também contribuíram para a formação histórica da cidade de Cachoeira do Arari, situada do outro lado do rio, que serve como ponto de referência social e urbano para as comunidades rurais adjacentes. Esse vínculo entre o campo e a cidade fortalece os laços que moldam a história e o imaginário marajoara.

Considerações finais

Os “lugares não certos” são uma forma de conhecer, identificar e explicar os espaços marajoaras percorridos pelos vaqueiros, o que revela uma lógica própria de leitura, educação e orientação. É evidente que esses locais não são identificados somente pelas características físicas permanentes, mas pelas experiências acumuladas, sensações compartilhadas e padrões de comportamento que destoam do habitual. Nesse deslocamento — entre o que ele vê e o que ele sente — os sentidos do vaqueiro aguçam: atenção aos sinais da estrada, ao ambiente ao redor, ao silêncio noturno, ao tempo, às ausências e àquilo que ele não explica, mas que o orienta. Essa percepção cotidiana, pautada nas reações do corpo, dos animais e na memória coletiva, constitui um sistema

de saberes que, mesmo silencioso, atua com precisão sobre o comunitário e o ambiente onde ele vive e trabalha.

Portanto, compreender os “lugares não certos” dos vaqueiros da Ilha de Marajó implica aceitar que nem toda presença é visível, nem toda lógica é universal. Essa constatação dá razão à máxima das fazendas da ilha: “todo lugar tem um dono que o guarda, protege e defende”. Esse “guardar” encanta, resguarda os vaqueiros, mantendo-os ligados aos campos e às fazendas, conforme explica Julia Sauma (2019, p. 127):

“[...] a *abertura* e o *fechamento* dos lugares não são somente próprios a uma paisagem composta por movimentos de constantes esvaziamentos e enchentes, desaparecimentos e reaparecimentos (de águas, mato, terra, casas, *bichos*, *invisíveis*, relações e, portanto, de pessoas), mas se devem também à sobreposição de *forças* e parentes, *invisíveis* e *visíveis* (Sauma 2019, p. 127).

Inspirado nas reflexões de Sauma sobre os mundos invisíveis e os modos de habitar esse território marajoara, este trabalho também busca compreender como os vaqueiros se relacionam com os “lugares não certos”. Ao final desta caminhada sobre os “lugares não certos”, reconheço que mais do que discorrer sobre aquilo que o vaqueiro marajoara observa, é preciso desenvolver uma escuta para o que se revela apenas aos poucos — seja pelas vozes dos próprios vaqueiros da Ilha de Marajó, seja pelos gestos e comportamentos que os animais ensaiam, seja pelos lugares que se anunciam sem dizer palavra alguma.

Referências bibliográficas

OLIVEIRA, Joana Cabral de. **Mundos de roças e florestas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, p. 115-131, 2016.

PEREIRA, Ricardo Neves Romcy. **Os verdadeiros donos da terra**: paisagem e transformação no baixo Tapajós. 2018.

POMBO, Délcia Pereira. **Educação, memórias e saberes amazônicos**: vozes dos vaqueiros marajoaras. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

SAUMA, Júlia. **“Moramos no mundo dos invisíveis”**: sobreposição, ruptura e movimento em uma área quilombola”. In: STOLL, Emilie; ALENCAR, Edna; FOLHES, Ricardo; MEDAETS, Chantal (Orgs.). Paisagens evanescentes: estudos sobre a percepção das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios Amazônicos. Belém: NAEA, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, v. 2, p. 115-144, 1996.

VASCONCELOS, Kauã. **Fuga das Linhas**: extinção e afastamento no convívio com os encantados na ilha de Marajó. Amazônica-Revista de Antropologia, v. 14, n. 2, p. 254-268, 2022.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida; DE CARVALHO, Luciana G. **Isso tudo é encantado**: histórias, memórias e conhecimentos dos povos amazônicos. Editora Vozes, 2023.

WAWZYNIAK, João Valentin. **“Engerar”**: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. Ilha Revista de Antropologia, v. 5, n. 2, p. 033-055, 2003.